

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

GIOVANNA THAINA DOS SANTOS

O OFÍCIO DA ATRIZ: TRAJETÓRIA NO TEATRO

BAURU

2021

GIOVANNA THAINA DOS SANTOS

O OFÍCIO DA ATRIZ: TRAJETÓRIA NO TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Teatro - Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientadora: Prof. Dr. Rafael Resende Marques da Silva.

BAURU

2021

GIOVANNA THAINA DOS SANTOS

O OFÍCIO DA ATRIZ: TRAJETÓRIA NO TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Teatro - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rafael Resende Marques da Silva (Orientador)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof. Me. Valéria Biondo (Coorientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof. Dra. Maristella Pinheiro Cavini (Convidada)
Centro Universitário Sagrado Coração

Dedico este trabalho aos meus pais, e a todas as mulheres. Com amor, Giovanna.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que sempre está comigo, me dando força e coragem para realizar meus sonhos.

Aos meus pais, João e Cleide, por me proporcionarem essa formação, por lutarem para conseguir um futuro melhor para mim, pelo incentivo e amor infindável.

Ao amor, Victor, por me proporcionar apoio e conforto, por ser incondicional.

À minha avó Eunice (in memoriam) por ser uma das minhas grandes incentivadoras para seguir no rumo das artes.

À Valéria Biondo pela inspiração, pela orientação cuidadosa e gentil, por ser uma mulher incrível, inteligente e forte, por toda paciência e dedicação para que esse trabalho fosse finalizado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Rafael Resende de Marques Silva, por todo o acolhimento e luta para a realização não só desse trabalho, mas pela realização de todo o curso.

À minha banca examinadora, Prof. Dra. Maristella Pinheiro Cavini, por aceitar o convite, por todo conhecimento compartilhado, e apoio durante essa jornada.

As atrizes e mulheres insubordinadas, que sempre me inspiram.

“Acredite na força dos seus sonhos. Deus é justo e não colocaria em seu coração um desejo impossível de ser realizado”.

RESUMO

Esta monografia tem como tema central relatar a trajetória das mulheres no teatro, analisando o caminho percorrido para serem as atrizes que são atualmente, cuja fundamentação parte da história e espaço das mulheres na sociedade. Para tanto, este trabalho principia com o levantamento de alguns fatos primordiais sobre a iniciação das mulheres no teatro, analisando a trajetória e exercendo a questão feminista, que foram importantes influentes na perspectiva deste trabalho. Em seguida traz apontamentos gerais da influência das mulheres no seu ofício atriz, com ênfase na sua história e dramaturgia.

Palavras-chave: Mulheres. Teatro. Trajetória. Feminista.

ABSTRACT

This monograph has as its central theme to report the trajectory of women in theater, analyzing the path taken to be actresses that they are today, whose foundation is based on the history and space of women in society. To this end, this work begins with the survey of some primordial facts about the initiation of women in the theater, analyzing the trajectory and exercising the feminist question, which were important influences in the perspective of this work. Then bringing general notes of women in the theater, with emphasis on their history and dramaturgy.

Keywords: Women. Theater. Trajectory. Feminism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Charge	15
Figura 2 – Pintura mulheres de Atenas	15
Figura 3 – Mary Wollstonecraft: mãe do Feminismo e pensadora do iluminismo.....	19
Figura 4 – “ <i>Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão</i> ” e ” <i>Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã</i> ” escrita por Olympe de Gouges, pioneira pelos Direitos Humanos.....	20
Figura 5– Therese Du Parc	23

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: EU NASCI PARA FAZER TUDO AQUILO QUE DIZEM QUE MULHER NÃO PODE	12
2	ESSE NÃO É LUGAR PARA MULHER.....	14
3	NOSSA PREMISSA FEMININA É: EU TENHO VALOR	18
4	NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE	22
5	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO: EU NASCI PARA FAZER TUDO AQUILO QUE DIZEM QUE MULHER NÃO PODE

Ao longo de 20 anos de crescimento pessoal e 3 anos de acadêmico, fui capaz de me encontrar e entender um pouco mais sobre a perspectiva de ser uma atriz mulher. Fiz vestibular aos 17 anos, onde morava no interior de São Paulo, sendo mais exata Dois Córregos, uma cidade com 25 mil habitantes, completamente desprovida de arte, e teatro, e por isso nunca tinha tido contato com esse meio artístico, porém o meu coração possuía o desejo de: ser atriz!

A narrativa deu início durante o processo de escolha do meu curso, onde já pude notar o que estava por vir, sem ter conhecimento da área e do por que. Ouvi frases absurdas como “atriz é tudo prostituta, sabia?” E a que mais me comoveu durante o curso “esse não é lugar para mulher”, mas, mal sabia eu que para ser atriz, é preciso ser mulher!

Com o foco principal na minha formação como futura atriz, iniciei o curso no Centro Universitário Sagrado Coração em 2019. Ao começar na faculdade, meu processo de adaptação foi muito desafiador, não havia identificação com o curso, me sentia acolhida dentro de casa, mas desamparada dentro da faculdade, aliás, uma menina de 17 anos que veio com uma mentalidade angusta não conhecendo o que é a arte, e seu próprio curso, tinha muita informação para lidar, principalmente com vários artistas pensantes, e que possuíam grandes vivencias no teatro, me via desolada e incompetente, porém foi dessa pior forma que prestigiei o nascimento de uma mulher, não naquele momento, mas durante todo o processo.

Assim como as pequenas informações que eu tinha sobre teatro, o conhecimento sobre o feminismo também era superficial, mesmo sendo uma luta que eu sempre me identifiquei e admirei, principalmente por ser contra a desigualdade sexual, violência doméstica, e qualquer tipo de abuso. Contudo, eu não tinha conhecimento sobre a história das mulheres na profissão que escolhi para exercer, sobre as importantes conquistas do movimento feminista ao longo dos tempos ou o quanto ele influenciou para as atrizes serem quem elas são hoje.

Me recordo nitidamente de uma das minhas primeiras disciplinas de teatro brasileiro, ministrada pela Prof.^a Valeria Biondo, em 2019, onde experenciei o processo de entender e vivenciar mais sobre o teatro, onde sempre fazia uma ligação ao feminismo, estudando suas determinadas épocas.

Dentre as produções que explorei como atriz, uma marcou muito, o que reconheço como início desta pesquisa, minha peça favorita nomeada “Casa de Bonecas”, um drama de Henrik Ibsen, que retrata os convencionalismos sócias e a hipocrisia presente no final do século XIX, ou seja, a sociedade naquela época completamente machista, onde a personagem principal da obra Nora Helmer abandona o marido, os filhos e o lar, afirmando que ela, durante oito anos de casamento “foi sua esposa boneca, assim como era a criança boneca na casa de seu pai” (IBSEN, 2001, pg 84.) com a urgência de que ela precisava educar a si mesma. Durante aquele período foi um choque, pois mulheres não podiam ser protagonistas de peças de teatro, e nem se posicionar contra os valores morais da época em que eram fixadas como meros objetos do lar.

Analisar novas narrativas é necessário, principalmente para questionar o patriarcado e interpretar o feminismo como um todo. Assim surgiu o interesse de organizar e partilhar a trajetória das mulheres na profissão de atriz, na minha profissão. Tanto a disciplina, quanto a Professora Valeria Biondo me inspiraram para o tema dessa pesquisa, onde viça traçar uma relação entre os momentos de ascendência da participação da mulher em cena e as conquistas que vencemos em busca de um lugar.

“Suas produções não foram reconhecidas e difundidas por questões culturais e políticas, entretanto, modificar o fluxo das interpretações e resgatar a produção epistêmica e artística sob uma nova ótica dentro de uma estrutura e uma história dominante pelo gênero masculino é possibilitar ao indivíduo feminino contemporâneo uma representatividade no fazer e no conhecimento artístico.” (SILVA, W. 2019, p.3)

A partir de um recorte da história do teatro, focando no espaço que foi destinado às mulheres, este trabalho visa detalhar os momentos de ascendência da participação da mulher em cena, interligando as conquistas que o feminismo permitiu, mostrando a forma como as atrizes foram representadas durante alguns períodos.

Este trabalho de conclusão justifica-se por refletir sobre minha formação enquanto educanda, artista e mulher, além de explorar as influências, e pesquisas que moveram a trajetória teatral feminina.

2 ESSE NÃO É LUGAR PARA MULHER

No teatro, é possível fazer uma leitura artística da vida, das mais variadas formas, seja na tragédia, na comédia, na política, e na reflexão, pois é também um espaço de batalhas e conquistas femininas. Por um longo período de tempo as mulheres não se imaginavam dentro do teatro. Homens vestidos de mulher eram quem escreviam as cenas que seriam realizadas pelas mulheres.

As batalhas e conquistas no espaço cênico, assim como o feminismo, ganhou visibilidade e é muito debatido atualmente, mesmo sofrendo alterações ao longo do tempo. Porém deve-se lembrar que nem sempre foi dessa maneira, a grande luta que as mulheres tiveram ao enfrentar tudo e todos, em busca de direitos mais justos e igualitários, foram de séculos, considerando uma sociedade completamente conservadora e machista, onde além de silenciadas e oprimidas por serem mulheres, foram afetadas de diversas maneiras, em suas vidas e profissões exercidas.

A luta do empoderamento feminino não é tão antiga como gostaríamos que fosse, até o século XIX, as mulheres eram vistas como seres inferiores aos homens. Não possuíam os mesmos privilégios como por exemplo, ler, escrever, estudar, guerrear, ter o direito de escolha sobre seus sentimentos e nem sobre seus corpos. A figura feminina foi construída numa sociedade patriarcal, na qual as atribuições das mulheres estavam focadas aos afazeres domésticos e a educação aos filhos, onde desde cedo, as meninas eram educadas para ajudar as mães a cuidarem da casa, sendo boas para casarem e terem filhos, não podiam trabalhar fora, e eram proibidas a terem acesso aos assuntos relacionados com política ou economia.

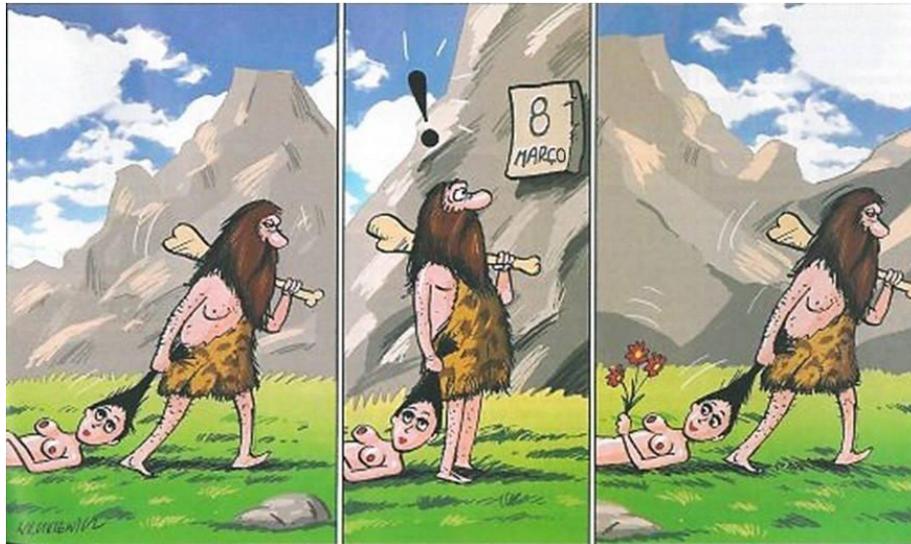
Apesar de toda estrutura ser gerada e reconhecida na Grécia uma das primeiras fases periódicas da história aconteceu no período Paleolítico, onde durante rituais religiosos, os homens inventavam várias formas de se comunicar com as divindades e com as forças da natureza, usando encenações e imitações, onde se faziam de deuses ou de animais que tinham poderes de trazer boas caças e boas colheitas.

Contudo, a nossa imaginação cultural do Paleolítico evoca imagens do “homem, o caçador” ou o “homem, o fazedor de instrumentos” porque é assim que a época tem sido largamente retratada por cientistas e artistas, no entanto onde estavam todas as mulheres na Pré-História? Reconhecer que as mulheres

proporcionavam a maioria dos alimentos que sustentavam a todos, e todo o trabalho árduo que faziam juntamente com os homens, é um grande passo cultural e científico.

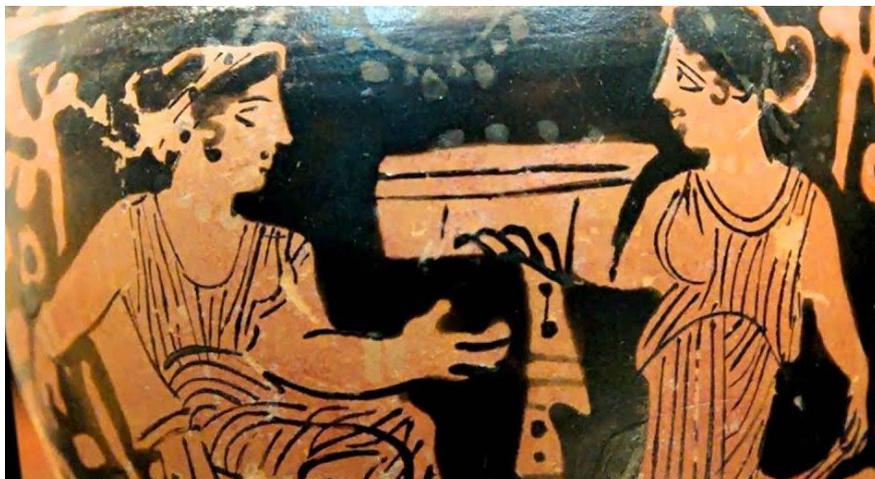
Limitamos a compreensão do nosso passado coletivo quando tomamos uma abordagem estreita, assim como nossas informações, temos sempre as mulheres sendo retratadas sendo puxadas pelos cabelos, submissas ao marido, adorando apenas as invenções do homem, e deixando de lado a representação da mulher como competente, mas sim domada.

Figura 2 – Charge.



FONTE: (LUIZ, 2016)

Figura 4 – Pintura mulheres de Atenas.



FONTE: (IACOVINO, 2020).

Apesar da sociedade patriarcal e hierárquica vinda da pré-história, o Egito antigo deixou as mulheres viverem suas vidas e fazerem suas próprias escolhas em muitos aspectos históricos, as mulheres tinham determinados direitos que eram iguais aos homens, o que não ocorria em outras civilizações da mesma época. Elas chegavam a postos que somente foram alcançados por mulheres na sociedade atual. Havia muitos postos de trabalho e de destaque para as mulheres egípcias. Segundo MORLEY, SALARIYA (1999, p. 34):

As mulheres eram bem tratadas no Antigo Egito. Elas podiam receber uma remuneração e ter propriedades. A lei egípcia reconhecia seus direitos e elas podiam ir aos tribunais reclamá-los, se sentissem que estavam sendo tratadas de forma injusta. Era esperado que os maridos permitissem as suas esposas irem aonde quisessem e fazer o que desejassem. As mulheres nas famílias mais pobres tinham de trabalhar em casa, nos campos, ou ajudando no ofício de seus maridos. A função de uma sacerdotisa era considerada uma honra e não um trabalho. Uma mulher poderia se tornar faraó mais isso era extremamente raro.

Elas podiam escolher com quem se casar e permanecer ainda proprietárias de seus bens, isso mostra que às mulheres tinham certa autonomia, política e econômica, sendo-lhe garantido o poder de representação legal. Porém, esses direitos dependiam da classe social a que a mulher pertencia, onde os mesmos eram concedidos a mulheres mais bem sucedidas da época. De um modo geral, as funções mais importantes da sociedade egípcia eram ocupadas por homens, sendo assim, é contestável a ideia de que havia o mesmo direito exercido entre mulheres e homens no Antigo Egito.

No Antigo Egito, além dos deuses, os faraós também eram homenageados com rituais. Com o passar do tempo formaram-se os grandes rituais que futuramente se transformariam em espetáculos. Suas representações eram de origem religiosa. Nelas se enalteciam suas divindades, existindo nas danças dramáticas cerimoniais, nas lamentações e choros pantomímicos. Durante este período o teatro não era entretenimento popular, era apresentado somente para a nobreza e seus convidados.

As conquistas realizadas pelas mulheres na idade contemporânea, já haviam sido conquistadas a muitos anos atrás pelas mulheres egípcias. É de grande relevância para que possamos entender que desde a antiguidade as mulheres já buscavam, igualar-se aos homens, para garantir os mesmos direitos.

Apesar dos direitos não serem completos deve-se reconhecer que as mulheres possuíam uma vida mais ativa e participativa do que em outras sociedades antigas. Quando compara-se a situação das mulheres egípcias com as mulheres gregas, por exemplo, é possível perceber uma significativa diferença.

A Grécia é conhecida como o berço do teatro. Foi na Grécia que o teatro se popularizou, no século VI a.C., onde o teatro teve seu início a partir das celebrações realizadas principalmente para o Deus Dionísio, conhecido como o deus da libido e do vinho. Nesse tempo o teatro estava diretamente ligado às festas relacionadas à fecundidade. Logo, não era bem visto que mulheres participassem desses festejos. Além disso, na Grécia, por não serem consideradas cidadãs da pólis, ou seja, da cidade-estado, a participação das mulheres em espetáculos teatrais era extremamente proibida, onde nenhuma atividade era oferecida a uma dama grega de boa família, a não ser que ela fosse pobre e precisasse de um trabalho.

Não havia, portanto, mulheres médicas, enfermeiras, atrizes, porque tais atividades sequer existiam para as mulheres, que, aliás, nem mesmo eram educadas. Se uma mulher fosse encontrada numa festa, muito provavelmente era tratada como uma cortesã profissional, onde geralmente eram hábeis no canto, na conversa e na dança.

A democracia ateniense é um dos temas mais debatidos sobre a antiguidade. Poucos sabem que mulheres, estrangeiros, escravos e crianças não eram considerados cidadãos, e por isso, não podiam participar das decisões políticas e dos debates públicos, as mulheres podiam ir as festas religiosas e assistir a peças teatrais, mas como atrizes elas não possuíam permissão para atuar, pois além de não serem consideradas cidadãs, eram vistas como mulheres que reviravam a imaginação da plateia masculina.

Em suas origens, o teatro esteve diretamente ligado com a religião, onde assim como o Paleolítico, invocavam os deuses e manipulavam as forças da natureza. Com o passar do tempo o teatro evoluiu conforme as reflexões do homem e deixou de ser um espetáculo religioso, ele se alterou abrangendo novos temas e formas teatrais.

Durante o processo de transformação do teatro, aconteceram também o surgimento das primeiras conquistas femininas, como a liberdade da mulher em conseguir subir aos palcos. E logo após surgiu o sufrágio feminismo, um movimento social, político e econômico, que tem como o objetivo de estender o direito de votar às mulheres. Atualmente as conquistas femininas no Brasil e no mundo estão em progresso, sendo assim, é preciso analisar essas conquistas em diálogo com o teatro.

3 NOSSA PREMISA FEMININA É: EU TENHO VALOR

A luta pelo sufrágio feminino (1897), que teve o objetivo de permitir às mulheres o direito de votar, foi um dos primeiros movimentos feministas, abrangendo questões ideológicas, políticas e sociais voltadas à mulher nos primeiros anos do século XX. Ao iniciar esta pesquisa com o intuito de entender sobre a mulher no teatro, aprofundei minha investigação sobre o tema e encontrei manifestações de mulheres que defendiam valores semelhantes aos feministas em épocas anteriores, como por exemplo no Antigo Egito. Visando contextualizar a história do feminismo e apontar alguns fatos que reconheço como importantes influentes na minha pesquisa, este capítulo surge com base nas importantes conquistas femininas, com o intuito de contextualizar e ajudar na minha pesquisa.

Em 1792, surgiu a considerada primeira obra sobre feminismo: *A Vindication of the Rights of Woman: with strictures on political and moral subjects* (Uma vindicação do direito dos direitos da mulher: com restrições sobre questões políticas e morais), da autora Mary Wollstonecraft. O livro aprofunda argumentos que investiga a exclusão dos direitos das mulheres, onde propõe uma ideia igualitária para que grupos excluídos (mulheres, negros e pobres) alcançassem liberdade econômica, social e política.

Mary Wollstonecraft tinha como valores um sistema educativo que fosse ilimitado e igualitário, para pôr fim a distinção entre homem e mulher, permitindo que as mulheres pudessem se desenvolver independentemente e serem cidadãos.

Durante os séculos 15 e 18 é possível encontrar histórias dedicadas à denúncia da condição opressora das mulheres, tendo como principais fatores a superioridade e a dominação imposta pelos homens. Porém, ainda não se pode

atribuir o rótulo de "feminista". Por outro lado, os estudiosos indicam a Revolução Francesa (1789) – e o Iluminismo como o surgimento do feminismo moderno.

Na Revolução Francesa (1789) foi criado o documento a “*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*” onde foi combatido pela “*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*”, escrito pela feminista francesa Olympe de Gouges (1748-1793) em 1791. No documento, ela criticava a Declaração da Revolução, pois apesar de ser declarada universal, era somente aplicada aos homens, onde Olympe, advertiu para a força masculina a importância das mulheres e da igualdade de direitos.

Por debater pelos seus direitos, a revolucionária foi executada em Paris, dia 3 de novembro de 1793. No entanto, sua morte, considerada um marco do feminismo no mundo, fez surgir diversos movimentos feministas posteriores. Entretanto, foi a partir da Revolução Industrial no século XIX, que esse panorama muda de maneira substancial. As mulheres já começam a trabalhar fazendo parte da força econômica do país.

Figura 1 - Mary Wollstonecraft: mãe Do Feminismo e pensadora do iluminismo.



FONTE: (MIGUEL, 2015)

Figura 2 - “*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*” e “*Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*” escrita por Olympe de Gouges, pioneira pelos Direitos Humanos.

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26 de agosto de 1789)	Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (setembro de 1791)*
Art. 1º. Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum.	Art. 1º. A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.
Art. 2º. A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.	Art. 2º. O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão.
Art. 13. Para a manutenção da força pública e para as despesas de administração, é indispensável uma contribuição comum, que deve ser dividida entre os cidadãos de acordo com suas possibilidades.	Art. 13. Para a manutenção da força pública e para as despesas de administração, as contribuições da mulher e do homem serão iguais; ela participa de todos os trabalhos ingratos, de todas as fadigas, deve então participar também da distribuição dos postos, dos empregos, dos cargos, das dignidades e da indústria.

* Essa declaração, escrita e proposta pela francesa Olympe de Gouges, não foi aprovada pela Assembleia Nacional; Olympe foi guilhotinada por ordem de Robespierre em 1793.

FONTE: (QUESTÕES, 2016)

No século 19, o feminismo teve um novo recomeço, em um contexto diferente: o da sociedade liberal. O “lançamento” do feminismo emancipacionista foi a Inglaterra, onde se lutava para a obtenção de igualdade jurídica (direito de voto, de instrução, de exercer uma profissão ou poder trabalhar).

No período da Revolução, surge por toda a Europa, diversos escritos defendendo que os princípios de dignidade da pessoa humana [...] sejam estendidos às mulheres. Todo esse movimento de reivindicação de direitos às mulheres expôs as injustiças, as desigualdades e suas consequências na História da Humanidade, profundamente marcada pelo pensamento e pela ação patriarcal. Ou mais especificamente, por uma história escrita pelos homens (COSTA, 2014, p. 45).

Nos Estados Unidos, na segunda metade da década de 1960 surgiu o movimento feminista contemporâneo, e se expandiu para diversos países industrializados entre 1968 e 1977. A ideia central do movimento feminista contemporâneo é a luta pela “libertação” da mulher. Com base nessa ideia, o movimento feminista busca novos valores, que auxiliem a transformação das relações sociais.

O movimento feminista obteve muitas vitórias, tanto nos países industrializados (onde era mais forte) como nos países em desenvolvimento, e graças as lutas anteriores ainda estamos em processo de aceitação na sociedade.

Para ilustrar a trajetória das feministas até os dias de hoje, nós buscamos marcos importantes na garantia dos direitos das mulheres ao longo da história. Esperamos que a lembrança de cada uma destas conquistas feministas no Brasil fortaleça ainda mais as suas razões para acreditar e defender o feminismo nos dias de hoje:

1827 – Meninas são liberadas para frequentarem a escola

1832 – A obra “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens” é publicado

1879 – Mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades

1910 – O primeiro partido político feminino é criado

1932 – Mulheres conquistam o direito ao voto

1962 – É criado o Estatuto da Mulher Casada

1974 – Mulheres conquistam o direito de portarem um cartão de crédito

1977 – A Lei do Divórcio é aprovada

1979 – Mulheres garantem o direito à prática do futebol

1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher

1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens

2002 – “Falta da virgindade” deixa de ser motivo para anular o casamento

2006 – É sancionada a Lei Maria da Penha

2015 – É aprovada a Lei do Femicídio

2018 – A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime

2021 – É criada lei para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher.

Segundo Sarti (2004, p 36.) “ O início do feminismo brasileiro dos anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país, desde o golpe militar de 1964.” Entre o final da década de 1970 e início da de 1980, o movimento feminista entrou em enfraquecimento, em razão das profundas transformações (sociais, políticas e econômicas). Porém o feminismo avançou consideravelmente a partir da década de 1990, retomando a luta com base em novas demandas sociais.

As mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através de suas várias organizações começaram a auto identificar-se com o feminismo, o chamado feminismo popular. COSTA, 2005

Podemos compreender que atualmente graças as lutas feministas, as mulheres estão conquistando o seu espaço, mas devemos lembrar que a luta ainda não acabou, a busca pelo fim da violência doméstica, direito ao parto natural, direito ao aborto, pela maior representatividade política, amamentação em lugares públicos, e o encerramento da cultura que coloca a mulher submissa ao homem estão em andamento.

Como artista engajada, eu busco entender a minha história e questionar qual será o próximo passo que é parte da trajetória, mas também é importante comemorar e entender as lutas antigas para abrir espaços para as conquistas novas. E ter empatia de ver os casos de mulheres que atuaram no teatro mesmo numa época ainda maior de sofrimento e segregação das mulheres do que na atualidade.

4 NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE

A ampliação do teatro religioso ocorreu com o surgimento da *Commedia Dell'Arte* que foi desenvolvido na Itália no século XV e se fez popular por toda a Europa até o Séc XVIII. Era uma forma de teatro popular. Suas apresentações eram realizadas nas ruas e praças públicas e possuíam uma estrutura de esquema familiar. Ao chegarem a cada cidade, pediam permissão para se apresentar nas suas carroças ou em pequenos palcos improvisados. Os atores seguiam apenas um roteiro simplificado (*canovaccio*) e tinham total liberdade para improvisar e de interagir com o público.

A *Commedia Dell'Arte* foi um intenso processo de profissionalização dos atores. Além de trazer diversas novidades trouxe também a presença da mulher nos palcos. Por muitos anos, apenas homens eram permitidos em espetáculos, e usavam máscaras caso algum personagem feminino precisasse ser interpretado, como no caso do teatro elisabetano da época de Shakespeare. Os homens se travestiam para viver mulheres em cena pois na plateia, elas não eram bem vistas, entrando disfarçadas para não serem reconhecidas.

Só a partir do século XVII que as mulheres, finalmente, começaram a ganhar o seu devido espaço, inicialmente na Inglaterra e na França, quando Therese du Parc, conhecida mais tarde como La Champmesle, saiu do grupo de Molière para integrar o elenco das peças de Jean Racine, ganhando a personagem principal de "Phédre".

Figura 5 – Therese Du Parc.



FONTE: (DUARTE, 2012)

Therese du Parc foi a primeira mulher a interpretar Fedra, personagem principal de *“Phèdre”*, onde temos o enredo que mostra o mundo da Grécia mitológica em toda a sua plenitude. No texto representado pela atriz, Racine mostra sua habilidade como poeta dramático. Phèdre é a personagem trágica, que não era a vilã e nem a moçinha, ela despertava no espectador sentimentos de compaixão e raiva.

Por fazer parte da obra de Racine torna-se uma das principais atrizes da chamada *“Commedie Française”*. Assim, temos Therese du Parc como o primeiro nome feminino de que se tem registro na história do teatro. Casada com Charles Chevillet Champmesle, dizem que Therese du Parc manteve uma relação extra-conjugal com Racine e morreu devido a um aborto mal sucedido.

No mesmo século, aqui no Brasil, a rainha Maria I de Portugal exigiu a lei que proibia os papéis femininos nos teatros dos colégios, apenas com a exceção às Santas Virgens, evitando que a juventude tivesse paixões precoces. As freiras e índias representavam composições teatrais de linguagem simples, acompanhadas de músicas e danças.

Em 1794, depois de um longo período de distanciamento dos nomes femininos dos palcos brasileiros, Pedro Pereira Bragança alugou um pequeno teatro (conhecido como primeiro teatro de Porto Alegre). Mesmo tendo como representante Maria Benedita de Queiros Montenegro, o teatro fechou suas portas com a falta de público. As coisas só mudaram com a vinda de D. João VI para o Brasil, onde os

costumes surgiram e a vida cultural se modernizou. Como D. João era um admirador das artes, as restrições diminuíram e começaram a circulação de companhias de teatro e óperas estrangeiras, trazendo nomes de destaque na Europa como a atriz francesa Sarah Bernhardt (1844 – 1923).

Ele lotava os teatros de atrizes europeias e plateia. Posteriormente, outros nomes femininos marcaram história nos palcos brasileiros, como a Eugênia Câmara (atriz, poetiza, tradutora e autora dramática), Adelaide Amaral (dramaturga), Estela Sezefreda (1810 – 1874) considerada a pioneira atriz de teatro do Brasil. Atuava ao lado do marido, o ator e encenador João Caetano, foi uma das responsáveis pela profissionalização da atuação no país, ela marcou a transição de um teatro de declamações monótonas para uma interpretação mais expressiva.

Temos também como grandes influências Ismênia dos Santos (matriarca do teatro brasileiro). Maria Clara Machado para o teatro infantil e Chiquinha Gonzaga na área de composições, e não podemos deixar de citar tantas outras mulheres anônimas que existiram com o propósito da arte, de tal forma não sendo glorificadas, mas lembradas.

Pensar sobre as condições das mulheres na sociedade é adentrar em um vasto mundo de pluralidades, opressões e conquistas que se articulam em conceitos que nos ajudam a compreender uma trajetória percorrida por diversas mulheres. Assim fazemos história: produzindo nossas próprias narrativas. Mesmo com toda represália e proibições as mulheres conseguiram ocupar o seu lugar no Teatro, e assim como em vários lugares na sociedade elas tiveram que lutar para conquistar o seu lugar, destruindo paradigmas para mostrar toda sua capacidade.

As conquistas femininas no Brasil e no mundo são constantes e extremamente importantes, mesmo traçando uma linha do tempo, podemos acabar sendo injustos e deixar de fora detalhes valiosos do progresso. Apesar disso, esta pesquisa visa traçar acontecimentos mais relevantes, no sentido de contemplar direitos que incluem um evento maior para as mulheres. Entretanto, frisamos que toda e qualquer mudança é válida e igualmente importante para todo o sexo feminino.

Podemos analisar o retrato da mulher na história com muita força, dedicação, resiliência e, claro, a influência. Elas trouxeram grandes feitos para a história do teatro no mundo, quebraram paradigmas, e mesmo oprimidas, não desistiram da luta, e se hoje estamos aqui, é por que outra mulher pagou o preço por isso,

devemos lembrar da importância do feminismo para as atrizes seguirem seu ofício, nunca abaixando a cabeça, exceto no agradecimento ao público.

Este trabalho possibilitou entender sobre a trajetória da mulher no seu ofício atriz, onde estruturando um levantamento da mulher na história do teatro, me fez refletir sobre a diversidade nas representações femininas até o teatro contemporâneo, interligando as suas influências na atualidade e na minha formação.

5 REFERÊNCIAS

A primeira atriz. **Centro de formação das artes do palco**, 2010. Disponível em: <<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/ponto-a-primeira-atriz>> Acesso em: 06 ago. 2021.

ALENCAR, P.V. Teatro no Renascimento – Inglaterra de Shakespere se destaca. **Educação Uol**, 2016. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/teatro-no-renascimento-2-inglaterra-de-shakespeare-se-destaca.htm>> Acesso em: 01 set. 2021.

As mulheres no teatro. **Legenda Cultural**, 2017. Disponível em: <<https://legendaculturalblog.wordpress.com/2017/03/12/as-mulheres-no-teatro/>> Acesso em: 06 ago. 2021.

BEZERRA, J. Feminismo. **Toda Materia**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/feminismo/>> Acesso em: 02 out. 2021.

CANCIAN, R. Feminismo – Movimento surgiu na Revolução Francesa. **Educação Uol**, 2016. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>> Acesso em: 17 ago. 2021.

CARBINATTO, B. Mulheres também caçavam na América pré-histórica, sugere estudo. **Super Interessante**, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/mulheres-tambem-cacavam-na-america-pre-historica-sugere-estudo/>> Acesso em: 28 set. 2021.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>> Acesso em: 27 set. 2021.

CURNOE, D. Onde estavam todas as mulheres na pré-história? **Arqueologia e Pré-história**, 2017. Disponível em:

<<https://arqueologiaeprehistoria.com/2017/02/25/onde-estavam-todas-as-mulheres-na-pre-historia/>> Acesso em: 29 set. 2021.

DOMINGUES, E.J. Mulheres ao longo da história: Egito Antigo. **Ensinar história**, 2020. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/mulheres-ao-longo-da-historia-2-egito-antigo/>> Acesso em: 27 out. 2021.

DOMINGUES, E.J. Mulheres ao longo da história: pré-história. **Ensinar história**, 2020. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/mulheres-ao-longo-da-historia-1-pre-historia/>> Acesso em: 27 out. 2021.

DOMINGUES, E.J. O teatro grego: arte e fascínio. **Ensinar história**, 2017. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/teatro-grego-mascaras-para-recortar-e-colorir/>> Acesso em: 27 out. 2021.

DUARTE, T. Therese du Parc, é a primeira mulher que se tem registro na história do teatro. **Entre linhas**, 2012. Disponível em: <<http://thieresduarte.blogspot.com/2012/03/therese-du-parc-e-primeira-mulher-que.html>> Acesso em: 12 set. 2021.

IACOVINO, R. Aquelas mulheres. **JundiAqui**, 2020. Disponível em: <<https://www.jundiaqui.com.br/arte-e-cultura/aquelas-mulheres/>> Acesso em: 12 set. 2021.

LIMA, Dirceli Adornes Palma de. **Seria Nora uma feminista?** Um olhar sobre a personagem da obra Casa de bonecas, de Ibsen, e a condição feminina no século XIX. Revista Versalete 2015. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/353DirceliLima.pdf>>. Acesso em: 02 de Out. 2021.

LUIZ, G. Charge do dia. **Juru em destaque**, 2016. Disponível em: <<http://www.juruemdestaque.com/2016/03/charge-do-dia.html>> Acesso em: 12 set. 2021.

MARTINS, I. O teatro sob uma mirada feminista. **Jornal da Universidade – UFRGS**, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/o-teatro-sob-uma-mirada-feminista/>> Acesso em: 10 out. 2021.

MIGUEL, F.L. Mary Wollstonecraft e as origens do feminismo. **Blog da Boi Tempo**, 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/27/mary-wollstonecraft-e-as-origens-do-feminismo/>> Acesso em: 12 set. 2021.

MORLEY, Jacqueline; SALARIYA, David. **How Would You Survive As an Ancient Egyptian?. London**: Orchard/Watts Group, 1999. Disponível em: <<https://www.amazon.com/Survive-Ancient-Egyptian-English-Spanish/dp/0749610891>> Acesso em: 08 set. 2021.

O TEATRO Elisabetano. **Cidade das artes**, 2014. Disponível em: <<http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/407>> Acesso em: 08 set. 2021.

O TEATRO e suas origens. **Cidade das artes**, 2014. Disponível em: <<http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/401>> Acesso em: 08 set. 2021.

OTTO, I. Do lixo ao luxo: a figura da mulher no teatro e o empoderamento pela arte. **Capricho**, 2019. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/do-lixo-ao-luxo-a-figura-da-mulher-no-teatro-e-o-empoderamento-pela-arte/>> Acesso em: 05 ago. 2021.

PEIXOTO, F. **O que é teatro**. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
PRINCIPAIS lutas e conquistas das mulheres ao longo da história. **Esporte Clube Pinheiros**, 2020. Disponível em: <<https://www.ecp.org.br/principais-lutas-e-conquistas-das-mulheres-ao-longo-da-historia/>> Acesso em: 15 out. 2021.

QUESTÕES da prova UFPR 2016. **Info escola**, 2016. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/exercicios/prova/ufpr-2016-c-gerais/3/>> Acesso em: 12 set. 2021.

RODRIGUES, L.J. Breve história do teatro. **Secretaria da Educação do Paraná**, 2011. Disponível em:

<<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=179>>

Acesso em: 28 set. 2021.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/ij/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFFPPCv/abstract/?lang=pt.v.12>>

12, p. 35-50, 2004. Acesso em 28 nov. 2021.

SILVA, W. Feminismo e Arte Contemporânea: A transfiguração e a (re)significação de poéticas. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. / 2019. Disponível em:

<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1439>. Acesso em: 8 jun.

2021.

SOUSA, G.R. O cotidiano da mulher na pré-história. **Brasil Escola**. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/o-cotidiano-mulher-na-pre-historia.htm>>

Acesso em: 27 out. 2021.